

O libertador no labirinto

The liberator and the maze

Márcia Letícia Gomes*

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia - IFRO

RESUMO: A partir de caminhos trilhados pela história, a literatura constrói novos meios e inaugura um sem número de possibilidades para aquilo que era julgado conhecido. Em *O general em seu labirinto*, Gabriel García Márquez narra os últimos dias de vida de Simon Bolívar em sua trajetória pelo Rio Magdalena. Os caminhos pelo rio são também os caminhos da memória que perpassam toda a narrativa; as memórias do general permitem reconstituir toda sua trajetória como libertador na América. Diante desse panorama, o estudo se realizou no sentido de investigar o entrecruzamento entre o histórico e o literário no romance de Márquez. As relações entre literatura e história foram pensadas a partir de Walter Mignolo ao passo que o pensar sobre a memória se fez a partir de Paul Ricoeur.

410

Palavras-chave: Literatura. Memória. O general em seu labirinto.

ABSTRACT: Through the History, Literature constitutes other ways and initialize many possibilities to themes already known. In *O general em seu labirinto*, Gabriel García Márquez tell us about the Simon Bolivar's final days through Magdalena River. The ways through the river are the ways of his memories that allows him to reconstitute his trajectory as a liberator at America. In this scenary, this study aims to investigate the relations between History and Literature at Márquez's book. Walter Mignolo and Paul Ricoeur helped us to think about literature, history and memory.

Keywords: Literature. Memory. The liberator in the maze.

* Doutora em Letras (História da Literatura) pela Universidade Federal do Rio Grande (FURG)

Introdução

*Estou velho, doente, cansado, desiludido
fatigado, caluniado e mal pago.*
(Simon Bolívar em *O general em seu labirinto*)

Os caminhos da história e da literatura têm se cruzado ao longo da existência desses dois discursos, seja por conta da forma narrativa que a ambos serve, seja a partir de temas que podem ser abordados numa e noutra área.

Neste estudo, nos dedicamos a pensar o entrelaçamento entre literatura e história a partir da obra *O general em seu labirinto* de Gabriel García Márquez que traz elementos da história de Simon Bolívar, nos apoiamos no pensamento de Walter Mignolo para desenhar tais relações e nos estudos de Paul Ricoeur acerca da memória.

Literatura e história

411

A História e a Literatura dialogam entre si desde sempre, principalmente quando as fronteiras entre os dois campos não eram bem delimitadas. Existia também o questionamento sobre a interpretação das narrativas ficcionais e históricas. Pode-se tomar como exemplo um texto posto como literário, ele pode sobreviver diferentes gerações como um material histórico. E vice-versa.

O historiador inglês Peter Burke (1997) pondera que, na Grécia Antiga, escritores e seus leitores não observavam uma clara linha que pudesse separar Ficção e História - a afirmação é posta na conta de uma cultura cuja fronteira entre os dois conceitos era mais aberta e/ou posta num lugar diferente, quando comparada à contemporaneidade.

Burke salienta ainda que o Renascimento trouxe importantes mudanças quanto à dessemelhança entre Literatura e História.

Como no caso de Aristóteles, e seguindo Aristóteles, humanistas e outros fizeram distinções explícitas entre história e ficção. O

humanista Bartolomeo Facio, por exemplo, declarou que “chamamos uma narrativa inventada de ‘fábula’ e uma verdadeira de ‘história’”. O pregador Girolamo Savonarola contrastava *le favole dei poeti* com a *verità di storia* (BURKE, 1997, p. 109)

A *nouvelle historique* seria responsável por aliar ainda mais os dois conceitos. Partindo dos traços próprios de cada um, os escritores dos séculos XVII e XVIII intentavam obter o “efeito de realidade”, visando a defender suas obras como textos históricos por apresentarem notas de rodapé e fontes, por exemplo:

A fim de dar aos leitores a impressão de que esses textos eram fontes históricas, Saint-Réal, que escrevera sobre história antes de se dedicar à ficção, incluiu notas de rodapé, ao passo que Boisguilbert afirmava estar contando a “verdade” e não escrevendo um “romance”. Na Inglaterra, Daniel Defoe usou técnicas semelhantes em seu famoso *Journal of the Plague Year* (1722), completo com estatísticas e a citação de documentos oficiais (BURKE, 1997, p. 111).

Victor Hugo, Alexandre Dumas e Walter Scott, para citar apenas alguns, são exemplos de escritores do século XIX. Visavam a produzir obras que tentavam reconstruir uma época e seu espírito, baseando-se em seus aspectos culturais - de uma forma que seus antecessores, da *nouvelle historique*, não haviam feito. O romance histórico oitocentista, para Burke (1997), tem sua importância evidenciada quando esse tipo de produção impressiona historiadores como Ranke e Macaulay.

Entretanto, Burke destaca que o ponto nevrálgico é o momento em que ele próprio se encontra teorizando sobre a relação Literatura e História - o final do século XX:

Apesar dessas transgressões locais, foi apenas na nossa época que a fronteira entre história e ficção se reabriu, como a fronteira entre a Alemanha Ocidental e Oriental. Hoje, as convenções do romance histórico, como as do romance em geral e, é claro, da historiografia, estão sendo questionadas. Esse questionamento é relacionado ao retorno de uma crise da consciência histórica (BURKE, 1997, p. 112).

O semiótico argentino Walter Mignolo afirma que o sentido da palavra “história” vai mudar a partir do século XVIII. Assim como a “literatura” entrou no sistema das “artes”, a “história” entrou no sistema das “ciências”, já concebidas não como um saber enciclopédico acumulado e coerentemente organizado

(concepção retórica), mas sim como um saber adquirido por meio do exame crítico da documentação ou da busca de “leis” do mundo humano (concepção científica da história), como expôs Bacon, em fins do século XVI e começos do XVII (MIGNOLO, 1995).

Porém, vale observar que definir, diferenciar história e literatura não é tarefa com grau pequeno de complexidade, uma vez que até mesmo o conceito de “história” apresenta algumas ambiguidades. Quando se fala em história, é possível estar se referindo, entre outras possibilidades, à práxis, à condição do ser humano de constituir-se construindo os caminhos; ao ato consciente de se fazer história por si só, na formação desses caminhos; e também àquela disciplina encontrada nos currículos escolares.

Afastado do tempo em que era tratado como uma verdade praticamente inquestionável, o texto dito histórico permite, em suas páginas, determinados traços da construção ficcional, desde que para tanto sejam adotadas certas medidas:

O texto histórico comporta a ficção, desde que tomemos na sua acepção de escolha, seleção, recorte, montagem, atividades que se articulam à capacidade da imaginação criadora de construir o passado e representá-lo. Há, e sempre houve um processo de invenção e construção de um conteúdo, o que, contudo, não implica dizer que este processo de criação seja uma liberdade absoluta (PESAVENTO, 1999, p. 820).

Resultando disso, conforme Pesavento, uma ficção diferente:

A História, se a quisermos definir como ficção, há de se ter em conta que é uma ficção controlada. A tarefa do historiador é controlada pelo arquivo, pelo documento, pelo caco e pelos traços do passado que chegam até o presente. De certa forma, eles se “impõem” ao historiador, que não cria vestígios do passado (no sentido de uma invenção absoluta), mas os descobre ou lhes atribui um sentido, conferindo-lhe o estatuto de fonte (PESAVENTO, 1999, p. 820).

A ficção controlada se justifica porque a História, no seu intento de representar o real, aspira a ter um nível de verdade possível. Assim: “Resta, contudo, admitir que, se a História é uma forma de ficção, ela é controlada: pelos

indícios recolhidos, pela testagem a que submete esses indícios, pela recorrência ao extratexto” (PESAVENTO, 1999, p. 62).

Paul Ricoeur (1997) ressalta que a liberdade do narrador é uma ideia também importante a ser levada em conta no que tange à discussão entre literatura e história. Para o intelectual francês, esta seria a característica mais clara para a oposição entre tempo fictício e tempo histórico.

Ricoeur evidencia que o drama e o romance servem de exemplos para demonstrar a experiência fictícia do tempo. Nesses tipos de narrativas, é possível se observar o cruzamento de personagens históricos, acontecimentos datados ou datáveis, lugares conhecidos às personagens, acontecimentos, e lugares inventados. Entretanto, é necessário ter em conta que, mesmo contendo acontecimentos datados, as narrativas não têm o poder de carregar o tempo da ficção para o espaço gravitacional do tempo histórico. Conforme Ricoeur (1997, p. 220):

Dá-se o contrário. Do simples fato de que o narrador e seus heróis são fictícios, todas as referências a acontecimentos históricos reais são despojadas de sua função de representância relativamente ao passado histórico e obedecem ao estatuto irreal dos outros acontecimentos.

Em contrapartida, o trabalho do historiador visa à reconstrução do passado. E essa intenção dá-se por meio do documento e da prova documentária que submetem o historiador *ao que, um dia, foi*. O historiador tem uma dívida para com o passado, reitera Paul Ricoeur. A dívida de reconhecimento para com os mortos transforma-o em um devedor insolvente.

A imaginação do historiador está próxima da imaginação do romancista, mas, ao contrário deste último, o historiador desempenha dupla tarefa - construir uma imagem portadora de sentido, coerente, uma imagem dos acontecimentos da forma que aconteceram e, para isso, recorre a um método, o qual seria o elemento diferenciador entre a tarefa do historiador e a tarefa do romancista.

Ainda assim, segundo Ricoeur, existiria uma certa convergência entre uma função de *representância* - desempenhada pelo conhecimento histórico

relativamente ao passado “real” - e uma função de *significância*, encampada pela trama ficcional, quando o ato de ler estabelece uma interação entre o mundo do texto e o mundo do leitor. História e ficção fazem empréstimos uma da outra, pois que a intencionalidade da narrativa histórica se faz utilizando recursos de ficcionalização, recorrendo ao imaginário narrativo da mesma forma que a narrativa de ficção produz assumindo recurso de historização na reconstituição do passado. Para Ricoeur, a história se serve da ficção para refigurar o tempo e a ficção se vale da história para o mesmo fim. A ficção explicita os traços do imaginário, se enriquece pela mediação do imaginário, daí o entrecruzamento entre a história e ficção na refiguração do tempo.

Em *O general em seu labirinto*, o processo descrito por Ricoeur toma forma, a ficção se serve da história para refigurar o tempo e apresentar, ao fim da sua vida, e olhando para trás, a figura de Simon Bolívar.

Simon Bolívar

A origem de Simón Bolívar pode ser observada de forma interessante e sob uma supersticiosa curiosidade. Nascido em 24 de julho de 1783 (em Caracas, Venezuela), sua origem remonta há quase duzentos anos antes.

O ano é 1587, quando chegava da Espanha Simón de Bolívar, o mais antigo antepassado em terras americanas. Vinha nomeado pelo governador como juiz oficial e contador da Real Fazenda. Na Colônia teve os mais altos postos, deixando considerável fortuna e um nome respeitado, honrado por seus descendentes pelos duzentos anos seguintes.

Dentre seus sucessores estava Juan Vicente de Bolívar y Ponte, marquês de San Luís, pomposo proprietário de terras, casado com Maria de la Concepción Palacios y Blanco. O quarto filho do casal, que recebeu o nome Pedro José Antônio de la Santísima Trinidad, passaria por curiosa situação, seis dias após nascer.

Responsável pelo batismo, o doutor Juan Felix Jerez de Aristeguieta, à pia batismal, optou por trocar o nome da criança. Escolhia, coincidentemente, o nome do mais antigo antepassado de Juan Vicente de Bolívar y Ponte em terras venezuelanas: Simón. O nome completo ficaria Simón José Antonio de la Santísima Trinidad Bolívar y Palacios Ponte-Andrade y Blanco. Tinha sido Pedro por apenas seis dias.

Aristeguieta, o cônego doutoral da Santa Igreja Metropolitana, argumentou que não tinha como explicar a mudança do nome, atribuindo a uma voz interior a motivação por tal ato e que, com o passar do tempo, a criança seria o Simão Macabeu¹ das Américas.

Nas terras da América Espanhola um recém-nascido recebia, de forma inesperada e inspirada, o nome que era, ao mesmo tempo, tradicional em sua família e símbolo de libertadores.

Ainda sobre o ano de nascimento de Simón Bolívar, Brenno Silveira, Viriato Corrêa e Orígenes Lessa (1951) trazem uma curiosa situação acerca do ano de 1873:

Por uma estranha coincidência, naquele mesmo ano de 1783, o rei Carlos III da Espanha assinava o ato de reconhecimento da independência dos Estados Unidos. Diz a tradição que, assistindo ao ato, o conde de Aranda, um gênio político, teria dito a seu rei:
- Vossa Majestade, com esta assinatura, perdeu as Américas.

O nome não mudaria mais.

Seu pai (trinta anos mais velho que a mãe) morreu quando ele contava apenas dois anos e meio. Simon foi entregue a um tutor, o juriconsulto Miguel José Sanz. Aos nove, morre sua mãe. Ainda assim, teve uma vida de conforto e

¹ Simão Macabeu (? -135 a.C.) foi um importante membro da dinastia dos Hasmoneus. Essa dinastia se originou de uma revolta de hebreus contra o domínio do Império Selêucida, Estado helênico surgido após a morte de Alexandre, o Grande e a divisão de seus territórios entre os seus generais. Macabeu (ou do hebraico *Shimon HaTarsi*) participou da referida revolta pela libertação de seu povo, tornando-se logo em seguida o primeiro príncipe hebreu da dinastia dos Hasmoneus, reinando entre 142 e 135 a.C., ano que seria assassinado por um genro.

tranquilidade. Era adorado por todos na casa adotiva e pelos escravos das fazendas.

Aos quinze anos segue os passos da família paterna - é aceito como cadete na mesma milícia em que seu pai se destacara.

Para completar seus estudos, Simon embarca com destino ao Velho Mundo. Na metrópole Madri, é acolhido por um tio. Ali, frequenta as altas rodas, incluindo a Corte, introduzido pelo parente. Torna-se amigo daquele que se tornaria o futuro rei Fernando VII.

Diferentemente do que ocorria na sua terra natal - onde sua família contava com respeito e admiração da população colonial - na capital do Império espanhol era tratado de maneira pejorativa, hostil. Mesmo não sendo nem negro nem índio nem mulato, Simon era tratado como apenas um “indiano”.

Porém, o jovem Simon não dava profundidade, ainda, a questões como essa. Era hora de se apaixonar, não por ideias libertárias, mas por uma nobre e rica senhorita: Maria Teresa del Toro y Alainza. Os pais dela o achavam muito novo (17 anos, quando casam), mas gostaram de Simon. O casal se muda para San Mateo, no estado de Aragua (Venezuela) nas terras da família dele. Um ano após o matrimônio, Simon está viúvo.

Por um ano se isola, jurando nunca mais casar. Relê Rousseau. Lê Plutarco, Cervantes e Montesquieu.

Porém, os feitos napoleônicos na Europa lhe despertam a atenção. Entretanto, Madri não era mais um lugar amigo para um filho das Américas, além de a cidade lembrar Maria Teresa. Vai para Paris. Lá se atira às noitadas e aos prazeres. Sobre ele, lendas são criadas e festas fabulosas são testemunhadas na Cidade Luz.

Volta a si quando vê Bonaparte abandonar os princípios da Revolução pouco a pouco. Os problemas sociais de sua Pátria tornavam a povoar os seus

pensamentos. Mantem conversas com alguns venezuelanos radicados na Espanha e que também sonhavam com independência de sua terra natal.

O seu caminho cruza com o do general Francisco Miranda, venezuelano que tentara a independência do país, sem sucesso.

Miranda e Bolívar retornam ao continente americano, após um período de exílio do primeiro. Quando Bonaparte tornou seu irmão rei da Espanha (e, por conseguinte, das colônias) em 1808, Bolívar ingressa nas juntas de resistência contra a dominação metropolitana. Em 1810, a Junta de Caracas declara independência.

Já em 1812, Miranda se rende às tropas espanholas, obrigando Bolívar a fugir para Cartagena (Colômbia), onde escreveria o Manifesto de Cartagena.

Lidera uma invasão à Venezuela (1813), primeiro entrando em Mérida, logo após reconquistando Caracas. Estava proclamada a Segunda República Venezuelana e Bolívar recebe o epíteto de *El Libertador*. Em seguida, Simon Bolívar lidera as forças nacionalistas colombianas, conquistando Bogotá em 1814. Porém, frente ao avanço espanhol, Bolívar se vê obrigado a exilar-se na Jamaica, onde escreveria a Carta da Jamaica.

Participaria, mais tarde, da fundação da Grã-Colômbia, união política entre Venezuela e Nova Granada (atual Colômbia); anos depois eram aderidos o Panamá e o Equador. Simon Bolívar foi escolhido como primeiro governador.

Junto ao comandante Antonio José de Sucre, obtém vitória e libertação contra os espanhóis no Peru (1824). Bolívar governaria o Peru entre 1824 e 27. E por quatro meses, governaria a independente Bolívia (1825).

Porém, a pior das batalhas enfrentadas por Simon Bolívar foi contra a tuberculose, doença que o derrotou aos 47 anos de idade (1830).

O libertador e o labirinto

Pelas linhas de García Márquez, o leitor vai seguindo com Bolívar, protagonista daquelas memórias, o labirinto, simbolizando os caminhos da memória e, também, o caminho para a morte que realiza o general pelo rio Magdalena. A criação romanesca se faz em celebração à memória, à memória da personagem, e à memória das lutas de libertação.

Assim é que a leitura se alterna em dois planos narrativos. De um lado, as lutas pela libertação e as mulheres conquistadas ao longo da vida; de outra parte, aquele que seria o presente da narrativa, representado na viagem pelo rio em direção à morte e, em meio a isso, as relações políticas e a doença. Importante notar que não há uma divisão visível entre os dois planos, a transição não é anunciada e, assim, em meio à viagem de barco, vêm as memórias do passado e dessas passa-se, sem alarde, de volta ao momento presente da narrativa.

Bolívar - o herói - é apresentado como um ser humano, de carne e osso e dores. O libertador está doente, seu odor é ruim, seu hálito é desagradável, seus discursos arrebatadores outrora, agora entrecortados por tosses e falta de ar, até sua estatura diminuiu; em vida, já parecia morto, como fica evidente em vários momentos do romance. “Se você me visse não me reconheceria. Tenho quarenta e um anos, mas pareço um velho de sessenta” (MÁRQUEZ, 1989, p. 190).

Essas são as primeiras impressões do romance, a memória impressa em cada parágrafo, seja nas idas e voltas no tempo e na refiguração (RICOEUR, 2012) do próprio tempo, o qual é delineado pelos caminhos da memória, a partir da qual se entremeiam momentos do passado às angústias do presente e a construção e, até poderíamos dizer, desconstrução do herói.

A figura do herói é subvertida, o homem é mostrado em seus dias finais, sua última viagem e nisso se revelam características do novo romance histórico latinoamericano (MENTON, 1998); a própria figura de Bolívar - uma personagem histórica - como protagonista do romance já dá mostras do distanciamento em relação ao romance histórico clássico no qual o objetivo consistia em mostrar o

espírito de uma época, criar uma atmosfera no âmbito da ficção que fosse condizente àquele momento real e, para isso, eram construídos, não raro, personagens principais ficcionais e que viviam aquele momento histórico na condição de coadjuvantes, sendo criados apenas para mostrar como os eventos se sucediam e não para vivê-los como protagonistas (LUKÁCS, 1998).

Os romances históricos de que nos fala Lukács (1998) seriam aqueles em que anônimos protagonizavam o enredo ficcional de modo a deixar o espaço principal para os eventos históricos, para o conhecimento de como era aquele momento na história do local retratado pela ficção.

Em *O general em seu labirinto* (1989) esta ideia é desconstruída e temos na narrativa o Bolívar protagonista da história e protagonista da narrativa. A figura de Bolívar é instigante e tem inspirado diversas reflexões, Márquez se interessa por esta figura ao longo de sua vida e desses pensamentos surge o romance que, ao contrário do que seria esperado, não retrata o libertador, mas o homem por trás do libertador, o homem que na juventude arrebatou pessoas com seus discursos e muitas mulheres com seu poder de sedução e que, na velhice, lança um olhar para as conquistas e coloca em perspectiva, com este olhar para o passado, o que fizera e o que vivera.

Em alguns momentos é com saudade, em outros é com tristeza e em todos eles as relações entre os homens se destacam. Relações de confiança, de traição, acordos políticos; os envoltimentos românticos não ficam fora deste ciclo, cada mulher lembrada traz consigo uma lembrança daquele momento de luta e das estratégias que foram pensadas e vividas em meio aos romances protagonizados pelo general.

Os dois planos narrativos - os feitos do passado e os do presente - se entrecruzam e se revelam na viagem. A viagem pelo rio Magdalena, eixo principal do romance, é apenas uma das viagens, que se relaciona com as viagens no tempo, conduzidas pelo fio da memória, fio que organiza a condução

por aquele labirinto e pode-se falar, ainda, em uma viagem para dentro, a viagem da reflexão sobre o lembrado.

Some-se a isso as viagens, o cruzar de fronteiras, o destruir barreiras que é vivido tanto na memória quanto no presente. Em um dos diálogos:

- Que se diz no México?
- Não tenho ninguém lá - disse Iturbide. - Sou um desterrado.
- Aqui somos todos - disse o general. - Só vivi seis anos na Venezuela desde que isso começou, e o resto passei vagando por meio mundo (MÁRQUEZ, 1989).

A escolha da viagem como norteadora da narrativa, em nossa leitura, não é aleatória, mas se faz em resposta ao ser narrado e aos eventos protagonizados pelo Bolívar real e trazidos para este Bolívar ficcional, doente, que olha o passado com a maturidade de quem viveu intensamente os anos e realizou muitas coisas. “E assim era. Pois ali estava o mar, e do outro lado do mar estava o mundo” (MÁRQUEZ, 1989, p. 137).

Os casos amorosos, as mulheres que habitam as lembranças do general percorrem a narrativa e se entrelaçam às características do protagonista do romance. Uma dessas características residia no fato de ele ser um leitor, a exemplo de:

Foi seu último livro completo. Tinha sido um leitor de voracidade imperturbável, tanto nas tréguas das batalhas quanto nos repousos do amor, mas sem ordem nem método. Lia a toda hora, com a luz que houvesse, ora passeando debaixo das árvores, ora a cavalo sob os sóis equatoriais, ora na penumbra dos coches trepidantes sob os calçamentos de pedra, ora balouçando na rede enquanto ditava uma carta” (MÁRQUEZ, ANO, p. 98).

Batalhas e mulheres, juntas, constituem o fio condutor da narrativa. Cada momento de luta é relacionado a uma conquista amorosa e os momentos de leitura mostram o homem desterrado, em trânsito, numa aventura pelo continente americano. A aventura de sua vida pela libertação do continente das mãos dos conquistadores europeus.

Então nos façam o favor de não nos dizer mais o que devemos fazer - concluiu. - Não tentem nos tornar iguais a vocês, não pretendam que façamos bem em vinte anos o que vocês fizeram tão mal em dois mil.

- Por favor, *carajos*², deixem-nos fazer em paz a nossa Idade Média” (MÁRQUEZ, 1989, p. 129).

As lutas de libertação conduzem e justificam todas suas ações e as contradições tão repetidamente alegadas por seus inimigos:

Acusavam-no de ser instável no modo de julgar os homens e manejar a história, de combater Fernando VII e se abraçar com Morillo, de fazer a guerra de morte contra a Espanha e ser um grande promotor de seu espírito, de se apoiar no Haiti para ganhar e depois considerá-lo um país estrangeiro para não o convidar ao congresso do Panamá, de ter sido maçom e ler Voltaire na missa mas tornar-se um paladino da igreja, de cortejar os ingleses enquanto pretendia se casar com uma princesa da França, de ser frívolo, hipócrita, até desleal, porque adulava os amigos e os difamava pelas costas (MÁRQUEZ, 1989, p. 205).

Esta rica figura histórica está no labirinto habilmente criado por Márquez, perdido entre suas memórias, perdido na América pela qual tanto lutou, perdido às margens do rio Magdalena em uma embarcação errante, perdido a caminho da morte; a memória o conduz pelo labirinto, é pelo caminho da memória que o ponto de partida e o de chegada vão se delineando.

O decorrer do tempo não é enfaticamente demarcado, o passar dos momentos históricos e uma ou outra menção a datas e idades vão dando pistas ao leitor ao longo da viagem. Como em: “- Quarenta e sete anos, *carajos* - murmurou. - E ainda estou vivo” (MÁRQUEZ, 1989, p. 198).

Os pensamentos sobre o tempo, o correr do tempo e o avançar da idade são constantes nos dois eixos da narrativa, tanto nas memórias quanto no momento presente. A possibilidade da morte é algo que paira na atmosfera criada na narrativa, mas, isso é retratado em tom de leveza, por meio de jogos de linguagem e de ideias. “Na metade da partida, o religioso lhe perguntou se não pensava em escrever suas memórias. - Nunca - disse ele. - Isso é coisa de gente morta” (MÁRQUEZ, 1989, p. 203).

² A não tradução do termo *carajos* é uma opção do tradutor da edição lida, Moacir Werneck de Castro, que explica em nota acreditar que o sentido original se perderia por não ser equivalente à tradução.

É o homem quase morto, visto como morto por alguns e em suas memórias o homem forte e determinado que desafiou os obstáculos e se entregou a seus ideais e às paixões que lhe acometeram ao longo da vida, muitas vezes sem se importar com as consequências de seus atos. A viagem, a vida e a literatura se entrelaçam ao longo do romance das mais diferentes formas: “Viajava alheio a tudo, e às vezes parecia estar rezando, mas na realidade murmurava estrofes inteiras de seus poemas prediletos” (MÁRQUEZ, 1989, p. 234).

Ao final do labirinto, a frase que representa toda a viagem, a memória, as paixões: “Eu faria tudo de novo” (MÁRQUEZ, 1989, p. 231).

Considerações Finais

A personagem ricamente construída, bem como toda a viagem pelo rio Magdalena que o leitor realiza junto com este homem ao fim da vida que viaja pelo passado reconstruindo suas memórias, as memórias de suas lutas, ideais, amores, decepções se revela um exercício de ficção histórica lindamente conduzido por Gabriel García Marquez pelas vivências do general, pela história da América.

Referências

BURKE, Peter. As fronteiras instáveis entre história e ficção In: AGUIAR, F. *Gêneros de fronteira: cruzamentos entre o histórico e o literário*. São Paulo: Xamã, 1997.

LUKÁCS, Gyorgy. *O romance histórico*. São Paulo: Boitempo, 1998.

MÁRQUEZ, Gabriel García. *O general em seu labirinto*. Tradução de Moacir Werneck de Castro. Rio de Janeiro: Record, 1989.

MENTON, Seymour. *La nueva novela histórica de la America Latina*. Mexico, DF: Fondo de Cultura Economica, 1993.

MIGNOLO, Walter. Lógica das diferenças e política das semelhanças da literatura que parece história ou antropologia e vice-versa. In: CHIAPPINI, Lúgia e AGUIAR, Flávio Wolf (orgs.). *Literatura e história na América Latina*. 2 ed. São Paulo: Edusp, 2001.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *Fronteiras da ficção: diálogos da história com a literatura*. Comunicação para ANPUH 1999. Mesa redonda: Fronteiras do conhecimento, cruzamentos da literatura com a história, coordenação de Sandra Jatahy Pesavento.

RICOEUR, Paul. *Tempo e narrativa*. Vol. 3. Campinas: Papyrus, 1997.

RICOEUR, Paul. *Tempo e narrativa*. Vol. 1. Campinas: Papyrus, 2012.

SILVEIRA, Bruno; CORRÊA, Viriato e LESSA, Orígenes. *Libertadores*. Vol. 1. Coleção Grandes Vocações. Rio de Janeiro: Donato, 1951.